

## A FALSIDADE AMIGA DOS FALSOS AMIGOS

*Maria Fernanda Fernandes Tavares*

Universidade de Santiago de Compostela

Com base na recolha feita durante os últimos quatro anos lectivos, em trabalhos escritos e orais de alunos galegos a aprender português, e na minha experiência de portuguesa a viver e a trabalhar na Galiza, cheguei á conclusão de que havia, para o público com que convivía e trabalhava (estudantes universitários do 4º e 5º ano –1º e 2º de Português– com diferentes opções linguísticas quer pessoais quer curriculares) mais *falsos amigos* do que pensava no início.

Por outro lado, comprovei também que a sua *falsidade* podia ser muito mais *amiga* do que habitualmente se pensa, por diferentes razões. Começarei por referir duas. Bastantes *falsos amigos* recolhidos neste contexto –e que também apareciam em certos glossários consultados– podiam deixar de o ser por um maior treino fonético, e outros pelo recurso mais habitual a conhecimentos, mesmo que passivos e pontuais, de outras línguas românicas, essencialmente o castelhano e o francês por serem as que conheço melhor.

Este segundo factor é muito importante para melhor dimensionarmos e compreendermos a nossa língua. Permite um aumento de conhecimentos, o estabelecimento de relações mais facetadas, e um maior respeito pela língua dos outros.

Não irei teorizar sobre os *falsos amigos* e suas variedades, interlinguagem ou análise de erros, pois outros o fizeram melhor que eu há muitos anos, como Robert Lado, Corder, Norrish, Richards, Galichet, para só referir alguns.

Ultrapassarei o problema teórico de definição e classificação, para me colocar numa perspectiva essencialmente prática.

Fui recolhendo palavras que funcionavam como *falsos amigos* quer perfeitos quer parciais e outras –ou mesmo certas estruturas– que, não podendo ser considerados *falsos amigos*, criavam aquilo a que chamarei uma certa falsidade.

Direi mesmo que um *falso amigo* parcial funciona em certos contextos como verdadeiro *falso amigo*. É o caso de palavras em construções com *comprar*, *gostar de* –Ex: Gosta de *luvas*.

Chegámos a um *corpus* de mais de seiscentas palavras. Se retirarmos uma centena que eventualmente tenha sido considerada devido a um conceito heterodoxamente alargado de *falso amigo*, teremos sempre um *corpus* de mais de quinhentas palavras. O número elevar-se-ia muito mais com a análise de outras fontes como as literárias, que não estavam dentro dos nossos objectivos imediatos.

Não foram considerados apenas os homógrafos heterossemânticos mas também os homófonos, ou quase, se tivermos em conta os mecanismos que nos fazem identificar certo tipo de terminações ou grupos de sons.

Quero deixar bem claro que não pretendi fazer um glossário de *falsos amigos* e etiquetá-lo com um rótulo semelhante a: “falsos amigos entre português e galego”, mas antes falar dos *falsos amigos* entre a minha língua e a(s) língua (s) que ouço ou vejo utilizada(s) por um público que, *a priori*, se afirma galego-falante.

Referirei também que me cingi ao português de Portugal, embora, depois de análise mais aprofundada, tenha chegado à conclusão que, na grande maioria dos exemplos concretos recolhidos, poucas observações teria que apresentar, se considerasse também o português do Brasil.

Nas listas elaboradas figuram os “clássicos” e mais conhecidos *espantoso, oficina, talher, despacho, pasta, carteira, reformado, propinas, poupar, freguês, ligar, pacote, bilha, abrigo, anedota, aparato, assinatura, etc.*, etc. mas também *borracho, travessa, bandeja, peixe-espada* (o que na Galiza tenho ouvido chamar peixe-espada chamamos em Portugal espadarte, tratando-se de peixes muito diferentes no sabor e no aspecto), *prego* (e seus variados usos, sendo os mais desconhecidos por parte dos meus alunos como pequeno bife e casa de penhores), *tacanho, tópico* (como valor de item, alínea), *passos* (como períodos telefónicos), *chorão* por *bebé-chorão* (determinado tipo de boneco), *fava, rebuçado, trampa* (como excremento e coisa sem valor), etc., etc.

Concluimos que há mais *falsos amigos* do que antes pensávamos porque se há mecanismos que permitem evitar os erros provocados por eles, também há processos de criar outros.

Normalmente, quando se fala de *falsos amigos* tem-se em conta a competência de comunicação do aprendente e a função comunicativa da língua. Queríamos alargar um pouco o conceito para outras funções da linguagem como a metalinguística que, para um público universitário aprendendo uma língua muito próxima da sua, não deve ser perdida de vista.

O essencial do meu trabalho baseia-se em “erros”(?) realmente produzidos e tem em conta não só as palavras que podem provocar falta de comunicação mas também aquelas que, tendo um grau de utilização diferente quer pela frequência, quer pelas conotações, quer pelo registo sócio-cultural, não são apreendidas em toda a sua amplitude, ou pelo menos na maior possível ou desejável. Daria o exemplo de *volver, cambiar, trasladar, enfermo, cerdeira, moléstia, embigo* (pop.), *talho* (dialectal transmontano com o significado de pequeno banco).

Nem sempre falaria de erros, pois, em muitos casos, trata-se apenas do carácter incompleto da compreensão ou transmissão da mensagem, devido a uma diferente amplitude semântica. Não os assinalo para os corrigir mas para que o falante seja consciente da frequência dos usos dessas palavras e não limite as suas realizações linguísticas quer orais quer escritas á sua utilização, procurando outras que lhe darão uma margem de possibilidades muito maior de adaptação a um determinado contexto quer linguístico quer sócio-cultural. Proporia limitar as utilizações de *volver*, pouco utilizado em português, e activar as de *voltar*, *tornar*, *regressar*, dependendo do contexto.

Não resisto à tentação de dizer que acho estranho quando vejo junto às máquinas de câmbio a palavra *troco* ao lado da bandeira portuguesa, porque nesse contexto de troca de divisas não utilizamos a palavra *troco* mas *câmbio*.

No levantamento que fiz dos *falsos amigos*, cheguei à conclusão que muitos deles não tinham constituído problema para mim pelo conhecimento que tinha do francês.

Alguns dos vocábulos ou expressões que vou apresentar como exemplo figuram em alguns dicionários portugueses, mas praticamente não são utilizadas com o mesmo valor.

Utilizarei a grafia portuguesa, por comodidade, para evitar conflitos, e por ser a que mais frequentemente aparece nos trabalhos que serviram de base para este estudo, o que é normal tratando-se de exercícios da matéria de Língua Portuguesa.

- A continuação
- Apenas– Fr. *A peine*
- Azar cf. acaso, por azar cf. por acaso Fr. *par hasard*
- Bilhete (de banco) Fr. *billet de banque*
- Bol –"taça" grande e sem asa.
- Ciprés –Fr. *Cyprès*
- Cocho –porco Fr. *cochon*
- Contravenção Fr. *contravention* –registrado nos dicionários mas pouco usado em português.
- Convoy e convoi – Fr. *convoi*
- Culpável – Fr. *coupable* com o valor de culpado. Port. culpado ≠ culpável.
- Demandar Fr. *demander*, com o valor de pedir –*Demandavam um câmbio*
- Despraçar Fr. *déplacer*
- Explotar –Fr. *exploiter* e explorar
- Exquisito –Fr. *exquis*
- Grassa –Fr. *Grasse*
- Imperdible –Fr. *Imperdible*, Port. alfinete de segurança.
- Lentilha –Fr. *lentille (de contact)*, Port. lente de contacto
- Pensamento –Fr. *pensée* (flor)
- Pipa –Pr. *pipe* Port. cachimbo
- Prender (algo com a mão) –Fr. *prendre*

- Relevo (dar um) Fr. *prendre la relève*
- Remarcar– Fr. *remarquer*, Port. notar –*Poderíamos remarcar o facto*
- Rol (de um actor, por exemplo) Fr. *rôle*
- Sujeitar (com o significado de agarrar alguma coisa ou alguém com as mãos)
- Tirar(deitar fora) –Fr. *tirer*
- Vacações– Fr. *Vacations*
- Vacante –Fr. *vacant(e)*, Port. vago –Existe Vacante em português mas quase não é usado.
- Venta– Fr. *vente*

A lista poderia ser bastante longa.

Colocando-me essencialmente num plano sincrónico, não afirmo que se trata de galicismos (ou pelo menos em todos os casos) mas de semelhanças que, por vezes, são devidas a uma origem comum.

Esta conclusão, no campo lexical, sobre os falsos amigos relacionados com a língua francesa pode ser apoiada por outras semelhanças noutros domínios da língua que também podem causar situações de uma certa falsidade uma vez usadas em português.

Os exemplos que a seguir se apresentam foram sempre ouvidos ou vistos na escrita e só foram tidos em conta quando houve bastante repetição dos modelos.

- Concordância do particípio passado com o complemento directo quando este vem antes do verbo... *narrações que o sapateiro tinha feitas*. Dito desta maneira, em português, não indica forçosamente que foi o sapateiro que fez as narrações.
- Frequente utilização de estar com o valor de ser –cf. fr. *être*.
- Uso indiscriminado do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto que em português não têm o mesmo valor. *Têm lido Os Maias?* por *Leram Os Maias?*, *Como já tenho dito* por *Como já disse*. Em português, o primeiro exemplo implica repetição da acção.
- A maior utilização do possessivo de terceira pessoa. Se eu disser ao senhor António: *Eu vi o Jorge com a sua mulher* posso dar origem a um drama familiar, por não estar bem nítida, neste contexto, a identidade do marido dessa mulher Se se suprimir o possessivo, fica claro que se trata da mulher do Jorge.
- Vir + de + infinitivo = acabar de –*Vinha de ter um acidente*.
- Bastante utilização do verbo crer que em português é muito pouco utilizado e substituído por julgar, pensar.
- Utilização de *que* com o valor de senão: *E não fazíamos que nos divertir*

Dedicámos bastante atenção ao problema dos *falsos amigos* por pensarmos que é incontornável no ensino/aprendizagem da língua portuguesa por parte de um público galego, mas também porque, no já longo percurso de ensino/aprendizagem de línguas, damos um valor cada vez maior à pedagogia do erro. Essa postura não foi assumida sem

oposição pois, no tabuleiro de xadrez linguístico que nos parece a Galiza, não faltou quem dissesse que insistir nas diferenças não era boa política ou que basear-me nos erros dos alunos os iria pôr em xeque.

Quanto à primeira objecção diria que as diferenças são realmente um testemunho da memória e das formas de vida e ninguém pode obrigar ninguém, e muito menos um povo, a ter exactamente a mesma memória e as mesmas formas de vida. Acrescentaria também que notar as diferenças quase sempre implica conhecer bem as semelhanças.

Quanto ao segundo argumento e lendo Wittgenstein pela afirmativa diria que este também é *um problema de que me aproximo, que se encontra no meu caminho e faz parte do meu mundo*. Digo do meu mundo mas poderia dizer dos meus mundos: o de falante de uma língua e herdeira de uma cultura em grande parte comum, e o de há muitos anos professora/aluna da minha e de outras línguas estrangeiras que me permitiram fazer muitos erros e aprender muitas coisas, de entre as infindáveis que há para aprender.

Espero por isso mesmo que os disparates que já tenha dito ou possa vir a dizer sirvam para eu e/ou outros fazermos alguma coisa mais inteligente e não pensarmos que conhecemos tudo sobre uma língua, mesmo que seja a nossa, sob pena de a fossilizarmos.

Falo de falsidade *amiga* porque o problema dos *falsos amigos*, além de nos fazer conhecer melhor a nossa língua com a sua história, e a dos outros, situa-nos, forçosamente, numa perspectiva intercultural.

Lembraremos aqui as palavras de Ouellet (1991): “Les différences constituent donc à la fois l’essence de l’apprentissage interculturel et le médium de la communication interculturelle”.

No mundo de hoje, e num contexto das línguas românicas, a componente intercultural será cada vez mais útil e mais necessária, pois a defesa da nossa língua só se fará na medida em que conheçamos as outras e criemos nos outros o desejo de conhecer a nossa.

Creio que essa seria a finalidade essencial de programas como Erasmus, Sócrates, Leonardo, Língua, ou de projectos como Eurom ou Galatea (este do Centro de Didáctica de Línguas da Universidade de Grenoble III) sobre a intercompreensão das línguas românicas que é uma componente que, creio, nenhum professor/aluno de línguas deverá desprezar.

## **SOBRE A NECESSIDADE DE EXAUSTÃO**

Poderei vir a referir-me, a partir de agora, a outros trabalhos realizados sobre o assunto, por vezes discordando. Isto não quer dizer que não tenha o máximo respeito por eles, pois me permitiram uma major reflexão e representam, seguramente, muito trabalho para quem os fez.

Consideramos que mais que qualquer outro glossário, o de *falsos amigos* terá de ser o mais exaustivo possível, no que diz respeito aos usos, caso contrário uma apresentação parcelar ou muito incompleta pode levar à criação de outros *falsos amigos* e de problemas de comunicação e/ou informação, induzindo em erro os seus utilizadores.

Darei alguns exemplos para corroborar esta minha afirmação.

Li alguns artigos sobre *falsos amigos* em *La Voz de Galicia* datados de 3 de Julho, 27 de Agosto e 8 de Setembro de 1991 da autoria de Xesús Ferro Ruibal, com os títulos respectivamente de *Se vas a Portugal, Se volves a Portugal e Fe de erratas*.

É interessante ver que as pessoas dedicam a sua atenção a este assunto. Embora ache os referidos artigos pertinentes e bem-humorados, há certas imprecisões que me sugerem alguns comentários. Por exemplo: diz-se no artigo de 3-7-91 *Nin vaias ó dentista dicindo que che doe unha moa, porque moa é a do muiño*. Se por um lado se adverte o leitor sobre o que não se diz em relação a dente, leva-se a cometer outra imprecisão pelo facto de dizer que do moinho se diz de outra maneira, enquanto que os portugueses usam exactamente a mesma palavra para as duas circunstancias ou seja *mó*. *Mó* é de utilização familiar por molar, forma abreviada de dente molar.

*Dissecar* utiliza-se essencialmente com cadáveres ou com coisas que queiramos analisar minuciosamente e não com qualquer coisa que possamos cortar em pedaços (*cortar em anacos*, diz-se no artigo), como pão ou melancia. *Borrar* também não significa só manchar, sendo muito frequente a utilização familiar de *sujar com matérias fecais, defecar, defecar em*, especialmente falando de bebés ou crianças.

No artigo de 3-7-91 ainda se lê: *...Pero non pidas olio na mesa, porque iso é en Italia*. Em relação a este exemplo também teríamos de fazer um comentário. À mesa podemos pedir e utilizar azeite ou óleo, dependendo dos gostos pessoais. Azeite é de azeitona, e óleo, em termos alimentares, é de outros frutos, como por exemplo, amendoim, soja, gérmen de trigo, etc.

Acrescentaria ainda que *bodega* não é *porcaria* apenas para os lisboetas mas este significado é de extensão mais vasta.

Passarei agora a apresentar algumas reflexões que a leitura de outros glossários (publicados ou não) e dicionários me sugeriram.

Retomemos a palavra *bodega*. Alguns glossários não anotam o significado de comida má e *porcaria* que são os mais correntes na linguagem actual.

Em muitos casos basta não ter em conta certas conotações para que a comunicação não passe integralmente.

Berro é apresentado como sinónimo de grito mas desconsidera-se a existência do grau de conotações negativas. Não poderemos substituir facilmente, em português, Grito de Ipiranga por Berro de Ipiranga, sem estarmos a ser de certa maneira, “historicamente insolentes”.

Um glossário que recolha apenas o significado de *marco* (em castelhano ou em galego) como *caixilho*, em português, está a induzir em erro alguém que queira dizer: *No quadro (ou no âmbito) da feira internacional de produtos alimentares*. Se se substituir *marco* por *caixilho*, a frase ficará ridícula em português.

O mesmo acontecerá para a palavra *cola*, se não for considerado o significado de *cola*, bicha. Não terá muito sentido dizer: *teve de esperar imenso porque tinha uma cauda enorme à sua frente*.

De igual maneira não devemos limitar-nos a dar a *presunto* o significado de *suspeito* que é diferente de *presumível*, *provável*, *suposto*. A não ter estes elementos em conta poderemos mesmo criar problemas jurídicos.

Também poderá haver alguma surpresa se uma rapariga pedir em certos períodos da sua vida feminina *compressas* numa farmácia; que peça *penso higiénico* ou o melhor é ir servir-se directamente num supermercado.

A propósito dos *falsos amigos* não poderemos esquecer a linguagem da malandrice pois é, muitas vezes, significativa. Ou polvo é apenas animal e pó? Não liguem! Estou a brincar!

Para quem não souber, *ligar*; neste contexto, tem o significado familiar de dar atenção, importância, e *brincar* o de gracejar, dizer ou fazer alguma coisa por graça.

Disse antes que havia um número muito maior de *falsos amigos* do que pensava inicialmente. Quase me apetece afirmar que determinados fenómenos e posições quer linguísticas quer culturais ajudam a criar outros *falsos amigos*. Passarei a apresentar alguns exemplos:

- Falsa amizade de certas atitudes fonéticas
- A não realização da sibilante sonora: As idades de todos os integrantes/As cidades de todos os integrantes; proposta mais ética/mais céptica; preço/preso, casado/caçado...
- A não realização das vogais nasais e a ligação do m final à palavra seguinte começada por vogal.
- Certos elementos fonéticos e prosódicos (grau de abertura de vogais – pega com e fechado e pega com e aberto, corte de palavras) que podem criar certas situações cómicas mesmo dentro da própria língua. Darei dois exemplos muito conhecidos e que figuram na tradução portuguesa do livro de Marina Yaguello *Alice no país da linguagem –para compreender a linguística*.
  - Quando é que se abre a porta à Berta (aberta)? –Quando a Berta bate à porta.
  - Qual é a semelhança entre um forno e uma sapateira? O forno assa patos e na sapateira há sapatos.

- Muito referido é o caso em que pérolas foi traduzido como se de perolas, (caçarolas) se tratasse.
- Certos posicionamentos lógicos. Em relação com este aspecto, lembro-me da oposição beautify/uglify que não existe mas que deveria logicamente existir, segundo o Grifo que Alice encontra no País das Maravilhas ou o presente de desaniversário de Humpty Dumpty.  
Nas mesmas circunstâncias lógicas estaria *posse* como terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo poder (erro muito frequente), e o riso dos alunos provocado por *escova de dentes*, *escova de cabelo* (escova/vassoura).
- Utilização indiscriminada do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto, e a utilização do possessivo de terceira pessoa, como já referido para os exemplos semelhantes ao francês.
- Formação do plural de nomes e adjectivos terminados em z.  
Lembrarei também que a palavra rapazes, na linguagem corrente se refere a pessoas do género masculino e que não pode designar o sexo feminino. No caso de querermos referir-nos a elementos do sexo masculino e feminino, dizemos *os rapazes e as raparigas*, ou *as raparigas e os rapazes*.
- O desfazer de grupos consonânticos: aleta/atleta, nomo/gnomo, enologia/etnología, etnólogo/enólogo, etc.

## MATERIAL DE VERIFICAÇÃO

Para confirmações foram utilizados os dicionários indicados na bibliografia por ordem alfabética dos nomes dos seus autores ou directores.

Deliberadamente, além dos dicionários de *falsos amigos*, quase não são referidos dicionários bilingues, por terem sido os que menos úteis se manifestaram para este trabalho.

Tratando-se de uma situação académica que diz respeito a um público que é, ou deveria ser, linguística e culturalmente mais exigente, não podia limitar-me aos dicionários básicos, elementares, nível limiar ou vocabulário fundamental.

De uma maneira geral, deu-se prioridade aos dicionários existentes na biblioteca da Faculdade de Filologia por serem de mais fácil acesso aos alunos.

Foram tidos em conta diferentes registos e níveis de língua, o que me parece essencial desde o princípio, neste caso concreto, por razões linguísticas, históricas e culturais, pois o que é familiar para um português pode ser de um registo mais cuidado para um galego e vice-versa.

Só uma atitude destas é compatível com o facto de querermos ser ouvidos e julgados em termos mais concretos pelo(s) nosso(s) interlocutor(es) que conheça(m) ou procurem conhecer a nossa língua.



Como consequência dessa atitude prestámos atenção à análise de provérbios, de frases idiomáticas, de títulos de artigos e da linguagem publicitária, pois contextos desse género (vender-se por um prato de lentilhas, andar aos papéis, andar numa roda viva, coisas do arco-da-velha) podem “fabricar” *falsos amigos* e, muitas vezes, implicam conhecimentos culturais de base em relação com a língua e mesmo conhecimentos de carácter de história da língua, como por exemplo as formas de tratamento, a tradução...

Deve ser feita uma análise particular e específica dos usos para procurarmos ter a habilidade de passarmos de um nível ou registo de língua a outro.

Quando por vezes fazia certas correcções de trabalhos de casa, aos meus alunos, eles respondiam que determinada palavra figurava no dicionário. Nesse aspecto, Santiago pareceu-me o templo do dicionário. E preciso dizer também que nem sempre é utilizado como convém. Por vezes não se presta atenção aos diferentes exemplos ou ao que vem escrito em itálico e à pontuação. Por outro lado os dicionários tradicionais têm quase sempre um carácter demasiado estático, rígido.

Também verifiquei que, embora os dicionários galegos registassem palavras como *ananás, banana, macaco, sino...*, essas palavras tinham um grau de utilização muitíssimo reduzido, sendo praticamente sempre substituídas por *piña, plátano, mono, campá*.

Os dicionários portugueses também registam palavras que não são praticamente utilizadas, como *vacação, cocho* (com o significado de porco pequeno), *exquisito, campa* (com o significado de sino pequeno). Para esta última palavra, o significado mais corrente é o de pedra ou lousa que cobre a sepultura.

Por vezes reflectia e divertia-me manuseando um dicionário. Darei um exemplo. Apareceu-me bastantes vezes nas realizações dos alunos a palavra *soltura* com o significado de *desembaraço, de fluência, desenvoltura, agilidade, mesmo rapidez*. Ora o significado mais corrente da palavra *soltura* é o de *diarreia*. Alguns dicionários registam *soltura de ventre*; a verdade é que dizemos *prisão de ventre*, mas para o contrário o mais corrente é apenas *soltura*.

Os dicionários de galego consultados não registam a palavra *cuna* que me aparecia muitíssimas vezes nos trabalhos dos alunos com o significado de berço, mas o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo regista-a, embora assinalando que se trata de uma forma antiga. À primeira vista, e segundo o referido dicionário, apenas seria de chamar a atenção para o facto de *cuna* ser antigo. Mas numa outra perspectiva, teríamos de prestar atenção à polissemia, e à fonética, pois se a palavra que permite um jogo malandro se pronuncia com *o* fechado na sua forma normal, no diminutivo pronuncia-se como se tivesse um *u* na primeira sílaba. Estranha poderia parecer a frase: “Ele olhava embebecido para a *cuninha* (entenda-se bercinho) da neta”.

Para terminar contarei a história verdadeira da falsa amizade do *m* indicador de sexo feminino em galego e castelhano, como abreviatura de mulher. Em português o *m* é designativo de masculino e o *f* de feminino.

Um empregado da Carris (uma companhia de transportes públicos de Lisboa) encarregado de receber os documentos necessários para o “passe social” de uma aluna galega que ia frequentar um curso de verão, ao verificar os dados no verso da cópia do bilhete de identidade cuja fotografia estava pouco nítida, ficou seriamente pensativo e disse entre dentes: “Não percebo nada disto, mas afinal é um homem?!” Respondi que não senhor, que era uma rapariga. Perguntou-me: “Mas então trocaram-lhe o sexo ou trocou-o ela?”.

Espero não ter ferido susceptibilidades com as minhas afirmações. A única intenção era mostrar um pouco do meu olhar sobre um assunto que me interessa.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA COSTA J./ SAMPAIO e MELO, A., *Dicionário da Língua Portuguesa*, 5ª ed., Porto, Editora Lda.
- ARAGONA, Ada, *Diccionario de Ambigüedades, español-italiano/italiano-español*, Messina, EDAS (Edizioni Dr Antonino Sfameni), 1992.
- ARES VÁZQUEZ, María do Carme, e outros, *Diccionario Xerais da língua*, 3ª ed., 1ª reimp., Vigo, Edicións Xerais de Galicia, 1992.
- ESTRAVIS, Isaac, *Diccionario Sotelo Blanco da lingua galega*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco, 1995.
- FEIJÓO HOYOS, Balbina Lorenzo, *Dicionário de falsos amigos do espanhol e do português*, São Paulo, Página Aberta, Consejería de Educación de la Embajada de España, 1992.
- FEIXÓ CID, Xosé G. (org. e coord.), *Diccionario da lingua galega*, Vigo, Ir Indo, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, Ed. Nova Fronteira, 2ª ed. rev. e aum., 1986.
- FIGUEIREDO, Cândido de, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Bertrand Amador, 1991.
- GARCÍA, Constantino (dir.), *Diccionario da lingua galega*, A Coruña, Real Academia Galega, Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega, 1990.
- GONZÁLEZ MARIMÓN, Blanca, *Diccionario de falsos amigos, francés-español*, Alhambra, 1982.
- LELLO, José / LELLO, Edgar, direcção de Jaime Séguier, *Dicionário Prático Ilustrado*, Porto, Lello & Irmão Editores.
- MOLINER, María, *Diccionario de uso del español*, 2 vols., Madrid, Gredos, 1991.
- MONTEAGUDO ROMERO, Henrique e GARCÍA CANCELA, Xermán (coords.), *Diccionario Normativo Galego-Castelán*, 3ª ed., Vigo, Galaxia, 1994.
- MORRO, José Ramón, *Estudio de los falsos amigos de la lengua inglesa* (microforma), Barcelona, Universitat de Barcelona-Publicacions, 1992.
- OUELLET, Fernand, *L'éducation interculturelle; essai sur le contenu de la formation des maîtres*, Paris, L'Harmattan, 1991.
- PICOCHÉ, Jacqueline, *Dictionnaire etymologique du français*, Les usuels du Robert, Paris, Dictionnaires le Robert, 1991.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *Diccionario de la lengua española*, 21ª ed., 1992.
- ROBERT, Paul, *Le Petit Robert, Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*, rédaction dirigée par A. Rey et J. Rey-Debove, Paris, Dictionnaires le Robert, 1985.
- YAGUELLO, Marina, *Alice no país da linguagem—para compreender a linguística*, Lisboa, Imprensa Universitária, Editorial Estampa, nº 84, 1991. Tradução de Maria José Figueiredo do título original, *Alice au pays du langage. Pour comprendre la linguistique*, Éd. du Seuil, 1981.